



A CIDADE

OLGA RORIZ

QUINTA 21 | 22H00 | GRANDE AUDITÓRIO DO CCV

—
O DESENCONTRO DE UM ESPAÇO PARTILHADO
THE MISSED ENCOUNTER IN A SHARED SPACE
—

O que nos atormenta na cidade? Que espaço é o nosso que se perde na confluência entre o efêmero de um encontro adiado pela urgência e o tempo que se gasta entre paredes fragmentadas pelo nosso próprio alheamento? Que desencontro cabe num espaço partilhado de vivências?

Em *A Cidade*, Olga Roriz oferece-nos a atmosfera de pressão, contaminação, alienação e desgaste que as cidades causam no ser humano e onde liberdade, perigo, solidão... são palavras de um léxico repetitivo que a coreografia traz à rotina. Uma atmosfera de nevoeiro, de ar poluído que nos sufoca. Uma metáfora que convida a reflexão ou, no mínimo, evidencia uma sociedade que vive uma era do vazio, ilusória e efêmera. O consumismo, a boémia e a ilusão. A riqueza, o bem-estar económico. Uma sociedade hedonista que aspira ao lazer - esse tempo livre que se mistura com ócio -, mas que vive asfixiada num rebuliço frenético, mundano e deprimente, acumulando défices de atenção que resultam da indiferença perante o outro. Hoje, vivemos de costas voltadas, ensimesmados. Construímos independência e individualidade por oposição a uma herança histórica e a uma cultura exterior. Desagregam-se os enquadramentos coletivos.

A Cidade inicia-se com uma lista de palavras de carga negativa, desvelada em voz-off: conflitos, guerra, cataclismos. São temas que nos convocam para um universo familiar, reconhecível e angustiante, e que pretendem constituir-se como matéria de reflexão. Não se apresentam como um apontar de dedo, antes conferem ao espectador liberdade para a construção de significado, para a elaboração da mensagem. Em palco, quatro bailarinos desmultiplicam-se em diversas personagens, ao som de músicas como as de Melody Gardot ou Nick Cave, num espetáculo fragmentado que é também capaz de produzir cenários inusitados, difíceis de reproduzir na vida das cidades. É neste contraponto que assenta uma componente onírica que se opõe à reificação do quotidiano. É este o espaço para se “respirar”, para mundos imaginados, ainda que temporários e difusos. *A Cidade* é também um lugar de discussão que se abre ao improviso. Um paradoxo entre a consciência de estarmos prisioneiros e a possibilidade de nos libertarmos.

Da crescente profusão de *personas* não resultam relações, antes observações. Passagem, apenas passagem. A cada travessia da cidade, aumenta o risco de apenas termos passado para o outro lado. Apenas atravessar a estrada, caminhando assintoticamente. Esta é uma peça marcadamente individualista. As pessoas não se cruzam, não interagem. Elas existem para si e acabam por não ser ninguém. Acabam cada vez mais sós, mais anónimas.

A Cidade é um território que chama outras cidades, que nos oferece representações próprias e originais de uma realidade que é sedimento. Há cidades dentro da cidade e cada uma delas poderia ser uma ilha.

What torments us in the city? What kind of space of ours is this, which gets lost in the blending of the fleeting encounter delayed by something urgent with time spent within the fragmented walls of our own estrangement? What kind of missed encounter might fit within a space of shared experiences?



In *The City*, Olga Roriz offers us the atmosphere of the pressure, contamination, alienation, and waste which cities can cause people to feel and where freedom, danger, loneliness...these are words from a repetitive lexicon which choreography makes routine. An environment covered in fog, or the air pollution which suffocates us - these are the metaphors which invite reflection or, at the very least, bear witness to a society which lives in the era of emptiness, illusion, and ephemera. Consumerism, bohemianism and illusion. Wealth and economic well-being. A hedonistic society which aspires to leisure - free time which mixes with idleness - yet one which lives in near asphyxiation in a hectic, mundane and depressing rat race, where the only thing that gains ground is the attention deficit stemming from our indifference to our neighbor. These days, we live with blinders on, oblivious. We have elevated the notion of independence and individuality, but at the cost of our historical inheritance and outward-looking culture. The collective framework is falling apart. *The City* begins with a list of negatively-charged words: conflict, war, cataclysm. These are themes which take us to a universe that is familiar, recognizable, and sorrowful, one which will become the basis for our reflection. No one will be pointing a finger to call attention to these things; instead, the audience will be free to build its own meaning and to elaborate on the message. On stage, four dancers will unveil a variety of characters (to the sounds of Melody Gardot or Nick Cave) in a fragmented performance

which might possibly produce rare scenes quite difficult to see in cities. In this counterpoint a dreamlike aspect is built up, in opposition to how one makes daily life concrete. This is the “breathing space” for worlds of the imagination, be they temporary or diffuse. *The City* is also a place for discussion, which opens itself

up for improvisation. It is a paradox of the awareness that we are prisoners and the possibility to set ourselves free.

Relationships are not the result of the growing profusion of *personas*; instead, they yield observations. This is passage, merely passage. With each crossing of the city, there is a greater risk of our only wanting just to get across town. In just wanting to cross the street, we step out asymptotically. This is a markedly individualistic piece. People do not bump into each other; they do not interact. They exist only for themselves and end up not being anyone or anything special. They end up more and more alone, more and more anonymous.

The City is a territory which harkens to other cities, which offers us unique and original representations of a reality which is sediment. There are cities within the city, and each one of them might well be an island.

Direção **Olga Roriz** | Intérpretes **Catarina Câmara, Maria Cerveira, Bruno Alexandre, Pedro Santiago Cal** | Seleção musical e figurinos **Olga Roriz** | Músicas **Korke, Henry Torgue, Max Richter, Romica Puceanu, John Zorn, Autechre, Ali Hassan Kuban, Zoe Keating, Kut Killer** | Cenário **Pedro Santiago Cal** | Desenho de luz **Cristina Piedade** | Produção áudio **João Raposo** | Técnico de Som **Sérgio Milhano** | Técnico de Luz **Daniel Verdades** | Assistente de cenografia e figurinos **Maria Ribeiro** | Gestão e Direção de Produção **Fernando Pêra** | Secretariado e Produção **Teresa Brito**

Duração 90 min. s/ intervalo
Maiores de 12 anos